

CORREIO DA PEDRA

ÓRGÃO DE INFORMAÇÕES

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redactor-Gerente — J. ROBERTO

Anno VIII

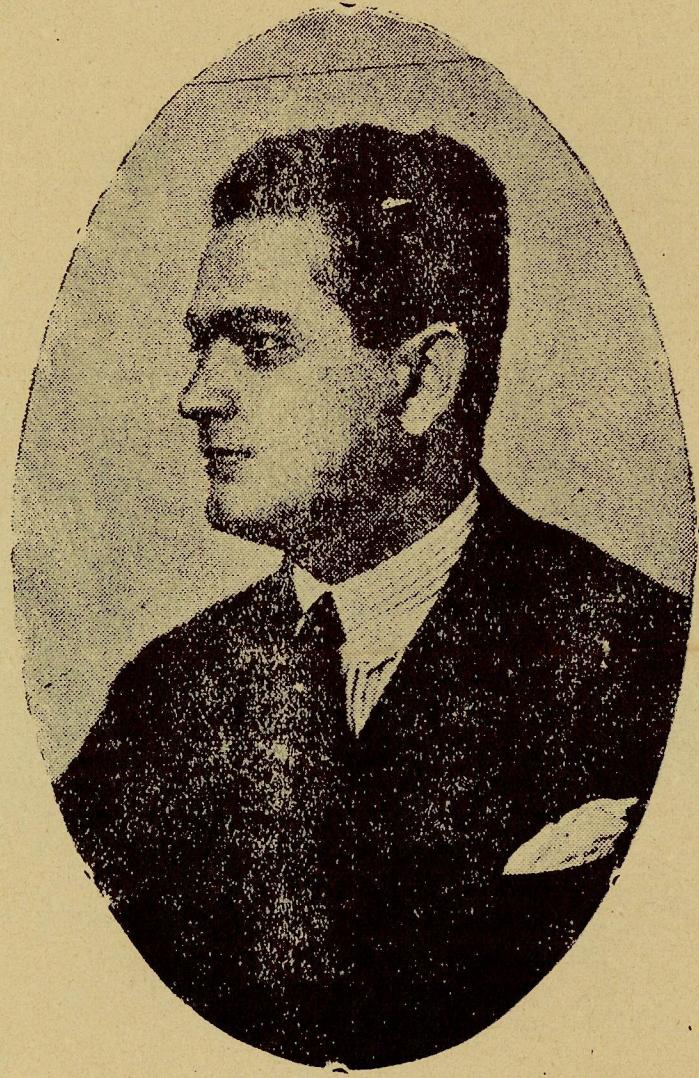
Pedra-Alagoas 8 de Março de 1925

N. 336

GOVERNADOR COSTA REGO

A data de 12 deste mês registrará o anniversario natalicio do exmo. sr. Costa Rego, governador de Alagoas.

Escolhido para o alto posto de primeiro magistrado do Estado, dados os requisitos que o indicavam para tão subido encargo, quer pela sua afanosa capacidade de trabalho, quer pelo brilhante destaque no seio do seu partido, tem o sr. Costa Rego, à frente do governo, feito



provas da sua operosidade, do interesse pelos negócios públicos, zelando criteriosamente as arrecadações, com o fim de proporcionar os possíveis melhoramentos reclamados pelo seu torrão.

Do seu recanto sertanejo o "Correio da Pedra" envia ao illustre alagoano os votos que, sinceramente, formula pela felicidade pessoal de s. excia. e pelas prosperidades da sua proficia administração.

Dr. Ernandi Bastos

A interesses da ordem pública, violentamente perturbada pela presença do bandoleiro Lampeão e seu nefasto grupo, esteve na cidade de Agua Branca, sede do município, o exm. dr. Ernandi Bastos, digno secretario do interior, deste Estado.

O alto auxiliar da administração do governador Costa Rego demorará-se, antes, na cidade de Paulo Affonso, encaminhando, como melhor lhe pareceu aos fins que tinha em vistas, as diligencias, das quais é de esperar completo éxito, attentas as precauções e medidas que foram tomadas.

Pela madrugada de terça-feira, via Garanhuns, retornou o dr. Ernandi Bastos a Maceió.

Boa viagem.

Terra Esteril

Já foi entregue ás officinas graphicas do Jornal do Commercio, do Recife o *Terra Esteril*, livro de versos com que o estro vibrante de Severino Leite vai mimosear os apaixonados pelas becas obras de Arte Impecável.

O magistrado íntegro, que é hoje Severino Leite não abandonou o cortejo ás musas por estar submissa ao culto de Themis, e, assim, entre a frieza dos codigos e as interpretações do direito, fice-lhe o tempo para mergulhar na fonte de Castalia a florescência do trabalhada com o esmero dos seu grande talento e dar-nos artistas perfeitos.

O flagello ferroviário

A *Gazeta da Bolsa*, que Victor Marks dirige superiormente no Rio de Janeiro, e é de facto uma publicação que, com extremada solicitude cuida dos altos e imediatos interesses económicos do paiz, estampou, subscripto por Nelson Lustosa, na edição de 2 do mês passado, sob a epígrafe — «O flagello ferroviário» — o monumental artigo que a deante inserimos, cujos conceitos, sob a mesma ordem de idéas, tem sido, por mais de uma vez, tratados nas columnas da nossa modesta folha, senão com o mesmo traço magistral e a mesma lucidez de exposição, todavia com igual sinceridade, com idêntico desafogo, sob a impressão dos mesmos propositos em beneficio do norte esquecido.

No caso tarifário da Great Western, com o ultimo aumento decretado, a verdade é que os negociantes de algodão desta villa, da cidadela de Agua Branca e de outros muitos pontos, voltaram a transportar em carros de bois e costas de animaes, os fardos de algodão que, destinados a Penedo, são levados ao embarque fluvial em Piranhas, e isso porque o aumento dos fretes na estiada Paulo Affonso não permite, sob nenhum ponto de vista, a preferencia do caminho de ferro deante das prohibitivas tarifas adoptadas.

Ahi vai o momentoso trabalho de Nelson Lustosa:

«Enquanto aqui no sul o Governo trata de solucionar a crise da vida, de resolver a crise económica e financeira em que estupidamente se debate o paiz, o nordeste tem aumentadas escandalosamente as tarifas da sua principal empresa de transporte.

O regimen tributario mandado vigorar na rede de viação da "Great-Western" é o atestado mais eloquente da pouca valia das Unidades nordestinas, do desinteresse nacional pela prosperidade dessa parte do Brasil. O norte é sempre o norte, esquecido e odiado, que não tem interferencias nas decisões e nos altos negócios publicos do paiz, porque nada representa no indice da riqueza sulista; por isso também muito pouco tem conseguido da União. Com Epitacio Pessôa no governo os ventos mudaram e com elles o progresso se encan-

versos como os do *Terra Esteril*, que irão deliciar os adoradores da poesia inspirada e de Castalia a florescência do trabalhada com o esmero dos

Nostalgia eterna

Ao J. Roberto, — recuerdo! —

Nos longínquos confins da minha terra,
ao pé da serra,
na soledade,
Vive cantando, ao riso matinal,
seu madrigal
minha saudade.

Tem na face um sorriso sempre puro.
Nella procuro
severidade...

Em vão: sempre jovial e sempre bôa,
e rir, á tôa,
minha saudade.

Quando lhe vejo o olhar resplandecente,
tão reluzente
na escuridão,
Cuido vêr um pharol de intensa luz,
que espalha, á flux,
minha saudade.

Quando escuto uma voz serena e lerna,
de semiperna
sonoridade,
Nem procuro saber de onde provém,
pois só a tem
minha saudade.

Se no espaço resurge alguma estrela
nova, eu ao vel-a
na inmensidão,
Fico alheio, indeciso, e penso até
que ella já é
minha saudade.

Quando a Musa me olha e a mente inspira,
ao som da lyra,
com amizade,
Canto um hymno de amor á natureza,
á que está presa
minha saudade.

S. já embora illusão, ou seja um sonho,
que assim suponho
realidade,
Sei que vivo a cantar, de quando em quando,
em verso brando
minha saudade.

Olavo de Campos

Usina Uruba 1925.

minhou para as regiões abandonadas, embrenhando-se sertões a dentro no seu impulso civilizador. Fóra do poder o administrador famoso, voltou o norte ao esquecimento, voltou ao regimen do carro de bois. E sempre que delle se lembram é para lhe proporcionar benefícios como esse do novo sistema tarifário que, além de "offender aos interesses do commercio e de ferir profundamente á cultura algodoeira", como disse algures o Sr. Isidro Gomes, presidente da Associação Commercial da Parahyba do Norte, poderá — quem sabe? — occasionar o desequilibrio económico da região, sobre carregado como fica o ouro branco.

Com a adopção de tales medidas, inconsequentes e deshumanas, experimenta-se um grande desanimo quanto ao futuro daquelas quatro Estados, que vêm obstaculizados absorventemente pela companhia ingleza a expansão e o desenvolvimento do seu commercio, da sua agricultura e das suas industrias.

Entendo, por isso, ser insolável tal situação, como entendo que mais ruinoso que o flagello das secas tem sido para o nordeste o flagello ferroviário, porque é constante, tenaz e cruel. — Nelson Lustosa.

Quem, depois de ler estas linhas, sendo devotas brasileiro e nortista, não deseja ver este pedaço da patria vivamente *crear, crescer, subir?*

J. Roberto

Cangaceiros

Quero crer que desta vez o governo do Estado actuará decisivamente contra os bandoleiros, e poderemos, por tempos, ter noites de sono tranquilo e dias sem sobressaltos.

Até agora, atravessados mais de sete annos, não me pude acostumar ainda com essa continuada investida de cangaceiros contra o lar, contra a propriedade, contra a vida.

Quando começam a vagar as notícias de que o bandoleiro dos malfiteiros está perto, toda a população se inquieta, se movimenta. Aprestam-se os rifles; adquiri m-se balas; experimentam-se armas e, á noite, grupos municiados espreitam todas as estradas.

Ha quem não se incomode com tudo isso, como, por exemplo, o papá, que, cançado do serviço quotidiano, entra calmo em casa, alta noite, e, aos nossos receios, oppõe pachorrentamente essa phrase: «Lampeão sabe que eu não tenho dinheiro, portanto não me incomodará.» E cá na rede a dormir, tranquilo, sem uma arma em casa, confiado apenas... em ser pobre.

Mas eu não me acommode com isso; desassocégo-me; passo noites em vigília...

Ah! se o governo nos restituisse a desejada tranquillidade...

Airam Amil

O voto secreto — Recebemos, sob este titulo, a carta aberta que, ao exm. dr. Carlos de Campos, governador de S. Paulo, foi dirigida por Monteiro Lobato, Vergueiro Steidts, Spencer Vampre, Sampaio Doria, Fernando de Azevedo, Mario Pinto Serva, e outros.

Trabalho de folego, em que o assumpto é abordado com preciso e clareza, a carta está escrita como cunho de sinceridade que enaltece o devoto carinho de quem, patrioticamente, deseja melhores dias ao grande paiz, que é este nosso estremecido Brasil.

Rithmos

Alma nostalga, alma dolente que vagueias para o céu azul do Sonho no eterno mistério da saudade, escuta:

— E's o supplicio da ti mesma, cinge-te a fronte macerada e bella, como a rosa que o pampiro desfolhou, a mureha coroa de illusões fanadas; tua voz é o echo de sentidas queixas morrendo além na erma espessura dos vergéis em luar...

Se passas, fica gemendo um coração ferido; teu pranto cai nas almas e faz germinar, como um milagre divino, o arroxeadão goivo da Saudade. Alma nostalga, alma dolente, passas, e fica embalsamando o ar o perfume subtil e venenoso com que enebrias, intoxicas e matas. Não sabes rir, porque só aprendeste a chorar; não és como eu: ha um clarão na minha alma, como dilúculo da aurora, — é a Esperança, és tú! Sombra errante a deslizar na terra, minha alma não alcança a tua; és como o fogo fatuo sobre a lage dos sepulchros!...

— Solitaria em meu retiro escondo, nada sei do amor!... Desperdiceio vento que passava as primeiras canções que me rouxinolaram na alma; quiz tornar-me insensível, zombar do amor e filosofar com a verdade... Louca! Sou hoje uma sombra exausta de sonho, sem uma recordação perenne, uma saudade vaga ou uma illusão fugaz. Sou como o sarcophago sem corpo, onde nunca se depositou uma flor ou se fez crepitar um cirio. Meus olhos são notívagos pyrilampos, tristes beduinos alados, cançados de correr o céo...

— Alma nostalga, alma dolente que te encaminhas para o azul no eterno mistério da Saudade, vem ser meu oasis na terra... — Eu sou Jamyna, de seio moreno e perfumado!... Nunca poderás ser meu veuturoso esposo!

E. Pacheco